

A VISÃO EXISTENCIALISTA NA INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE HISTÓRICA DA SALVAÇÃO

Tarcísio Moura

INTRODUÇÃO

É próprio do espírito moderno questionar as categorias que, por acaso, venham a querer servir de embasamento para uma concepção de existência humana. É, por critério de valor, impera amplamente a decisão livre do existente humano, situado temporal e espacialmente.

Dentre as categorias que mais deveram ser julgadas por este critério, iremos encontrar as da salvação.

É possível reconhecer, abolindo qualquer sectarismo, que o Cristianismo, dentre as várias concepções soteriológicas da hodiernidade, é uma das que mais plenamente vai ao encontro dos anseios existenciais de decisão do homem de hoje. De decisão, consciente e livre e tão ampla quanto possível, para abranger a totalidade dos problemas humanos.

Entretanto, mesmo com estas características que admiravelmente o recomendam, o Cristianismo não fica indene de um vasto questionamento por parte das pesquisas hodiernas, mormente as de cunho existencialista. E não é sem objetivo a tentativa, principalmente sustentada em filósofos como Martin Heidegger, de recolocar certas categorias soteriológicas neotestamentárias no quadro de valores do homem moderno, depois de passá-las pelo crivo existencialista. E o problema que se coloca em relação ao Novo Testamento é o de ver em que medida se encontra nele uma concepção específica da existência que sirva também ao homem moderno como base de compreensão da existência humana.

Aqui veremos entrar em choque duas posições acerca da Teologia do Novo Testamento:

1. A primeira é quando ele (Novo Testamento) é encarado como um documento histórico da mensagem de salvação trazida por Cristo.
2. A segunda é quando ele (Novo Testamento) é tomado como expressão de uma compreensão do ser, sem levar em conta, como essencial, seu caráter histórico.

Afinal, questiona-se o seguinte: a mensagem neotestamentária é passível de evolução e de reinterpretações válidas, de tal maneira que é lícito um "menosprezo" pela sua primeira formulação histórica? Ou ainda: o Jesus histórico (do passado) é normativo para a explosão existencial do homem de hoje, ou é apenas o indutor do grande movimento existencial que hoje desabrocha na decisão plenamente autônoma do homem moderno?

O problema resume-se em escolher aquela concepção de HISTÓRIA que mais resulta como interpretativa da existência humana:

1. A HISTÓRIA OBJETIVA ("Historie"): do passado, da disponibilidade e, portanto, da inautenticidade, em que o tempo é tomado como simples "decurso".
2. A HISTÓRIA EXISTENCIAL ("Geschichte"): do futuro, da indisponibilidade e da autenticidade, em que o tempo é o "agora" da decisão livre (1).

Pretendemos aqui chamar à luz algumas das graves conseqüências que, para a Teologia da História da Salvação, tem a aplicação do modelo teórico emprestado à analítica existencial. Nosso trabalho irá focalizar justamente um autor em quem esta aplicação se tornou não apenas de imediato conhecida, mas sobretudo explosivamente polêmica: Rudolf BULTMANN.

I. O JESUS DA HISTÓRIA NA PREOCUPAÇÃO EXISTENCIAL DE R. BULTMANN

Não é muito difícil descobrir em algumas obras fundamentais do teólogo alemão R. BULTMANN a coloração heideggeriana de seu pensa-

(1) A distinção entre a autêntica historicidade (GESCHICHTLICHKEIT) e a história inautêntica de mera disponibilidade (VORHANDENSEIN) das coisas mundanas é devida ao filósofo alemão Martin HEIDEGGER em sua obra *Sein und Zeit* (Ser e Tempo). Na Edição Francesa: *L'Être et le Temps*, Gallimard, Paris, 1 964.

mento. Ele próprio revela profunda consciência disto (2). O que vem ao encontro dos nossos propósitos, uma vez que, estudando suas idéias, estamos reconhecendo uma das maneiras de reunir visão existencialista e realidade salvífica.

Para fornecer uma boa noção da figura que o Cristo neotestamentário assume depois do banho existencialista dado por Bultmann, retomaremos aqui, esquematicamente, as análises de L. MALEVEZ, um dos mais empenhados comentadores da obra bultmanniana. Este autor, num artigo surgido em outubro de 1969 na **NOUVELLE REVUE THEOLOGIQUE** (3), resumiu as idéias de Bultmann acerca da mensagem de salvação trazida por Jesus Cristo. Elas podem ser esquematizadas em quatro itens:

1. A Salvação como Condescendência de Deus notificada no Acontecimento Histórico de Jesus.

Para Bultmann, a salvação se dá graças a um acontecimento divino vertical: uma condescendência divina se inclinando "graciosamente" sobre as nossas vidas. Este acontecimento absoluto, último, escatológico, foi notificado de uma vez para sempre no acontecimento histórico de Jesus de Nazaré.

Ele nos anuncia o Mistério do Deus que, na cruz de Cristo, nos abre os olhos sobre nossa condição pecadora e, ao mesmo tempo, nos revela sua graça que perdoo e que nos dá a possibilidade de viver de ora em diante dEle e nEle. Dizemos possibilidade porque, para que a salvação se atualize, é necessário darmos o nosso "sim" a este anúncio (querigma). O "sim" é a decisão de fé que consiste na vontade de não mais nos apoiar sobre nós mesmos, mas em Deus somente. Assim, na fé, optamos livremente por uma concepção de nossa existência segundo a qual aceitamos nossa condição de pecadores e de levar nossa cruz com Jesus.

No seu "Jésus", Bultmann acentua a urgência da decisão perante o anúncio deste "Reino" que Cristo declara tão próximo:

"A pregação de Jesus é anúncio escatológico, isto é, o anúncio que a realização da promessa está agora próxima, que no presente o reino de Deus surge: **Felizes os olhos que vêem o**

(2) Cf. H. W. Bartsch. **Kerygma und Mythos** (coleção), Evangelischer Verlag, Hamburgo-Volksdorf, vol. I, 1961, 33. Citado por A. VOGTLE in **Revelación Y Mito**, Barcelona, Ed. Herder, 1965. A coleção acima contém, além de um estudo de Bultmann, discussões travadas por ele com outros teólogos alemães.

(3) L. MALEVEZ. Jésus de l'Histoire et Interprétation du Kérygme, in: **Nouvelle Revue Théologique**, Louvain (Belgique), oct. 1969, tome 91, págs. 785 – 808.

que vedes porque eu vos digo: muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não viram, entender o que entendeis e não entenderam." (Lc 10, 23-24).

Sua mensagem traz esta certeza: o Reino de Deus chega, e chega agora ! (...) e é agora a última hora (Mc 13, 28-29; Lc 12, 54-56). É nesta última hora, a hora da decisão, que é enviado com a última palavra, a palavra decisiva. Feliz aquele que a compreende e que não se escandalizou (Mt 11, 6). Pois se trata de se decidir por ele ou contra ele: **Quem não é comigo é contra mim e quem não amassa comigo, dissipa** (Mt 12, 30).

Eis que chegou o tempo da decisão: **Siga-me e deixe que os mortos enterrem seus mortos** (Mt 8, 22).

Trata-se de renunciar a tudo em nome do Reino de Deus; o homem está colocado diante do grave "Ou... ou". Está ele pronto a se decidir pelo Reino de Deus e a lhe sacrificar tudo ? (4).

2. Até que ponto o Jesus histórico é um acontecimento escatológico de salvação.

O que há no Jesus histórico que ofereça alguma importância para a possibilidade da fé ?

Que Jesus tenha nascido, vivido, que tenha sido crucificado, morto e sepultado, não é necessário para a fé cristã, segundo Bultmann. Para este, as representações da origem divina e do nascimento de Cristo são puramente "mitológicas" e não constituem, enquanto tais, um fato salvífico. Não podem fazer parter do objeto de nossa fé. Por isso, propõe um "programa de demitologização" da figura do Cristo neotestamentário (5). Uma vez lançado, tal "programa" deveu-se constituir num dos momentos centrais da obra de Bultmann (6).

(4) Cf. **Jésus, Mythologie et Demythologisation**, aux Éditions du Seuil, Paris, 1 968, págs. 49 : 51.

(5) A segunda parte deste nosso estudo será dedicada à análise deste "programa de demitologização" e do conceito de mito que Bultmann emprega para empreendê-lo.

(6) Foi num artigo sob título de **Neuen Testament und Mythologie** (Novo Testamento e Mitologia) que, em 1 941, Bultmann reclamou a "demitologização" (ENTMYTHOLOGISIERUNG) do Novo Testamento. Este artigo se encontra publicado na coleção **Kerygma und Mythos**, já citada (nota 2).

O evento histórico de Jesus Cristo, só tem, dentro da teologia bultmanniana, significado de “exemplo”, enquanto “representação” da autêntica existência do homem e “iluminação” para a decisão na existência própria de cada homem. É, sem dúvida, a “inspiração” concreta indispensável, mas apenas inspiração para a sua atual decisão existencial.

O surgimento de Jesus na história tem valor como notificação da obra de condescendência de Deus (salvação). E como a operação divina, dentro da visão existencialista, só pode ser concebida como uma transformação em minha compreensão da existência, a história de Jesus se torna, em si, indiferente para a minha salvação. Passa a ter significado para a salvação somente na palavra pregada (querigma) que me interpela “aqui e agora”, no momento de **minha** resposta ao chamamento que **me** dirige. Somente a palavra interpe-lativa (DASS, na linguagem de Bultmann) diz respeito à minha fé. Ela, e somente ela, é a autêntica “GESCHICHTE”. Portanto, não interessam, em si a conduta moral (WAS) e o ensinamento (WIE) de Jesus (7). Enquanto tais, são fatos passados, são “HISTORIE”.

a) Indiferença Teológica da Personalidade Moral (WAS) de Jesus

Não importa, conforme Bultmann, que Jesus tenha sido uma das altas figuras morais da história. O dom absoluto de si que Jesus faz ao “Pai” não oferece, em sua grandeza espiritual única, nenhuma eficácia salvífica. Não há nada, em sua personalidade íntima, que interessa a minha salvação.

Bultmann declara: “Sabemos bem pouca coisa a respeito da vida de Jesus” (8). E mais radical ainda: “Aquilo que se passou no coração de Jesus eu não sei nem quero saber” (9).

Este ceticismo histórico de Bultmann se deve à convicção de que é impossível retrair, a partir das fontes e com uma segurança histórica suficiente, os traços da figura de Jesus. Para ele, é lícito e mesmo necessário dar à fé cristã um fundamento absolutamente independente de nossas ignorâncias e incertezas sobre o Jesus da História.

(7) As palavras “DASS”, “WAS” e “WIE” se encontram em R. BULTMANN, *Das Verhältnis der urchristlichen christusbotschaft zum historischen Jesus*, em *Sitzungsberichte der Heidelberger Akademie der Wissenschaften*, Heidelberg, 1961, pág. 9 (cit. no artigo mencionado em nossa nota 3).

(8) Cf. *Jésus, Mythologie et Démythologisation*, pág. 50.

(9) Cf. *Glauben und Verstehen*, t. I, Tubinga, 1933, pág. 101.

b) Indiferença Teológica do Ensino (WIE) de Jesus

Segundo Bultmann, uma reconstituição da pregação de Jesus é largamente possível. Certezas históricas nos são dadas a cada passo. Precisamente, no entanto, as certezas que são perigosas. Nossa indiferença a seu respeito se inspira na preocupação de garantir a autenticidade da fé. Eis por que ao historiador parece que a pregação de Jesus coincide com a pregação da comunidade primitiva, de tal maneira que não se pode assinalar de uma a outra uma descontinuidade bastante grande para exigir uma opção exclusiva por uma das duas (SCHMITHALS).

Tanto para Jesus como para o querigma apostólico, o homem é um ser questionado pelo sentido de sua existência, aberto ao destino de sua liberdade, convidado incessantemente a uma decisão em face dos apelos do presente. E Jesus, tanto quanto o querigma, sabe que o homem se decide pelo pecado. Sabe também que a hora do arrependimento chegou, a hora da fé: eis que Deus realiza o acontecimento de sua graça e chama o homem a acolhê-lo, oferecendo-lhe a possibilidade de uma existência autêntica.

A consonância entre a pregação de Jesus e a do querigma apostólico mostra-se mais ainda pelo fato que este é o prolongamento daquele. Jesus pediu que tivessem fé nele como o Anunciador da palavra. Não exigiu nenhum pronunciamento sobre algum mistério de sua pessoa (Messias, Filho de Deus, Salvador, Senhor), como se a salvação estivesse subordinada à confissão destas categorias cristológicas. Ele não se mostra como ANUNCIADO, mas se sabe ANUNCIADOR.

Assim, quando o querigma apostólico se apresenta como a simples explicitação da resposta que reconhecia em Jesus a revelação de Deus, não faz senão prolongar o objetivo de Jesus: interpelar o homem e provocar sua decisão de fé. Mas quando declara que Jesus era o Cristo, o Senhor, o Messias, o Filho de Deus etc., adota uma linguagem que ele mesmo não usou. O que faz é retomar aquele objetivo formulando-o a seu modo, segundo a sua concepção de existência. Jesus se manifesta apenas como o ANUNCIADOR. Já o querigma o toma como o ANUNCIADO.

Bultmann quer mostrar, assim, a **auto-suficiência** do querigma desmitologizado de hoje. Eis a razão da indiferença teológica em relação à mensagem de Jesus. Que não é indiferença para com a interpelação de decisão (DASS) feita ao homem por Jesus, que é sempre válida.

c) Interpretação do Acontecimento de Jesus no Querigma

Somente na interpretação dos discípulos, da comunidade primitiva, Jesus se converteu no Messias, no Filho do Homem. E isto, para Bultmann, pode ser explicado. Ao considerar Jesus como aquele a quem Deus fez Messias e ao esperá-lo como o "Filho do Homem", a comunidade primitiva mostra ter entendido sua missão e sua vinda como obra decisiva de Deus. Com isto ela realiza aquela **decisão** que Jesus, como anunciador da Palavra de Deus, havia exigido.

O fato de que a pessoa e os atos de Jesus tenham lugar na fé dos primeiros cristãos, não significa que o mais importante seja a sua conduta ou a sua doutrina. O que é mais significativo é o evento decisivo mediante o qual Deus chamou sua comunidade. Ora, a comunidade primitiva chamando Jesus de Messias, de Filho de Deus, de Senhor, demonstra, a seu modo e com as imagens e os conceitos de sua época, ter compreendido o apelo de decisão e reconhecido em Jesus aquele em quem se realizou o encontro decisivo com a palavra de Deus.

3. A Auto-suficiência do Querigma Apostólico

Não há, para Bultmann, necessidade de remontarmos ao Jesus da história, pois o querigma apostólico e mesmo o querigma de hoje oferecem conteúdo mais rico do que o querigma do Jesus histórico. De modo que, é aquele e não este último, que nos coloca autenticamente diante da plenitude da decisão. O historiador deve, por isso, se esforçar por compreender, além do que lhe possa contar a história, a existência apresentada por Jesus em sua pregação (querigma). Não se limitará em mostrar como esta interpelava os ouvintes de outrora. Mostrará, sim, ao leitor de hoje, como é interpelado por ela no momento presente.

A tarefa de interpretar o evento histórico é a de fazer do "agora" de outrora o "agora" de hoje, e suscitar, na base do encontro existencial, a exigência da decisão em face de Jesus no leitor contemporâneo.

É nesta tarefa de "atualização" que o querigma da comunidade apostólica se revela de fundamental importância para a fé do cristão de hoje, como também revela sua autonomia frente à pregação de Jesus. Isto porque, o Jesus da história anuncia, sem dúvida, a salvação, mas à maneira de promessa e

sob a forma de um "há-de-vir". Ele volta o olhar de seus ouvintes para o Reino de Deus, próximo mas não ainda efetivamente instaurado. E seu anúncio só era válido para uma só vez: o acontecimento não mais se repetiria !

Já a fé da comunidade primitiva lhe impunha a consciência de sua atualidade escatológica: o Reino havia chegado ! E esta atualidade, em vez de ser um acontecimento que se produziria uma única vez, podia perpetuar-se: sob a forma de QUERIGMA, que é a expressão que a comunidade deu à sua confissão do acontecimento efetuado em Jesus.

O querigma (anúncio) apostólico e pós-apostólico é a revelação sempre atualizada do Deus que se anunciou em Jesus Cristo. Através desta revelação sempre atual, a palavra interpeladora lançada por Cristo nos é sempre contemporânea e pode lançar ao homem de hoje o apelo existencial de decisão. Bem por isso, Bultmann diz que "Jesus ressuscitou no querigma" (10).

Em suma, a fé autêntica encontra seu fundamento não no Jesus da história, relativamente desconhecido, mas no CRISTO do querigma. Por conseguinte, Bultmann não vê na pregação de Jesus senão um pressuposto da Teologia do Novo Testamento, não requerido para a fé. Jesus e sua palavra pertencem ainda ao tempo da antiga aliança. A aliança nova só se abre na fé na significação atualizada do evento de salvação, isto é, no **Querigma** (11).

4. A fé autêntica não se baseia em certezas históricas da vida de Jesus

O interesse pelo Jesus da história não é condenável, mas torna-se suspeito diante da tentativa de legitimar a fé nas **dermarches** históricas. Tal legitimação, para Bultmann, constituiria ameaça para a própria fé: o que é a fé, senão a recusa de se apoiar sobre si mesma para se apoiar somente em Deus ? O crente abandona-se totalmente à Palavra anunciada (querigma), que não o interpela sem lhe pedir este abandono.

O que nos é pedido é renunciar a toda segurança objetivante do mundo dos objetos. Renunciamos à História Objetiva (Historie) das coisas mundanas disponíveis (Vorhandenen). A ação salvífica só vem a nós sob a espécie de uma palavra (querigmática) e não sob a forma de objetivação de um

(10) Cf. *Das Verhältnis...* (citado na nota 7), pág. 27.

(11) R. BULTMANN, *Theologie des Neuen Testaments*, Tubinga, 1 948, pág. 1 — 2. Citado L. MALEVEZ (art. cit., nota 3).

Deus que se revela ao mundo. Esta ação não é comprovada pela razão histórica objetiva, mas reconhecida na fé pela decisão livre em face da Palavra.

Assim, toda investigação histórica sobre o Jesus do passado dá resultado teologicamente estéril. Deus não pode objetivar-se, **mitologizar-se**, inscrever-se, segundo sua transcendência, no mundo e fornecer, nesta inscrição, um motivo racional à possibilidade da fé.

Se eu quero, então, respeitar a revelação e a fé, não sou eu quem, cedendo a uma falsa consciência teológica, perguntarei o que se passou outrora, mas eu deixarei a Palavra (querigma), me interpelar hoje e me perguntar o que devo fazer.

Não é necessário, para a minha fé, conhecer mais do que o DASS (palavra interpeladora) de Jesus. Isto pode ficar muito bem demonstrado, segundo Bultmann, em Paulo. Não há, na pregação deste, senão o Encarnado, o Crucificado e o Ressuscitado (todas expressões de fé do querigma apostólico). Nenhuma referência à vida objetiva de Jesus, nenhuma imagem de sua personalidade humana. A própria cruz não o interessa pelo heroísmo e pela grandeza de que Jesus poderia ter dado prova. Não vê, nela, senão o acontecimento e a significação escatológica que a Palavra de Deus lhe confere.

S. João também teria tomado o mesmo caminho: sublinha a realidade da humanidade de Jesus, mas sem lhe dar traços tão marcantes para evitar dar mostras de preocupação pela segurança histórica das afirmações. Somente o DASS continua sendo decisivo.

Mesmo os Sinóticos, que nos fornecem muitos meios para reconstituirmos o Jesus histórico e seu ensinamento, têm como objetivo ser escritos querigmáticos, testemunhas da fé no Senhor Ressuscitado e glorificado. E mesmo a escolha das tradições que recolheram, como também a forma que lhes deram, testemunham sua vontade de se colocar inteiramente a serviço do querigma. Não corresponde à sua intenção inspiradora uma pesquisa puramente histórica do Jesus que procuram revelar aos novos cristãos.

A referência que Bultmann faz explicitamente aos principais autores neotestamentários não é fora de propósito. Ele pretende justificar biblicamente a sua posição, colocando-a de pleno acordo com o Novo Testamento. Sustentado em tal acordo, ele pode declarar inescrupulosamente a indiferença teológica do Jesus histórico em benefício do Cristo apresentado pelo querigma, sobretudo em seu "DASS" interpelativo.

II. O PROGRAMA BULTMANNIANO DE DESMITIZAÇÃO

A grande tarefa que Bultmann se impõe, como teólogo, é a realização de um PROGRAMA DE DESMITIZAÇÃO (ENTMYTHOLOGISIERUNG) do mito de Cristo.

O querigma apostólico, embora tenha compreendido a palavra de Jesus como evento escatológico e a tenha aplicado autenticamente numa expressão de fé de seu momento presente, exprimiu-a e transmitiu-a mitologicamente.

Segundo Bultmann (13) a interpretação querigmática do evento de Jesus foi feita com elementos emprestados de três ambientes:

1. **A Apocalíptica Hebréia:** contribuiu com o mito do Filho do Homem-Messias.
2. **O Helenismo:** contribuiu com o culto do "Kyrios".
3. **A Gnose:** contribuiu com o mito soteriológico.

Todos estes elementos deram origem à história de Jesus e formaram cada uma das partes da pregação de Cristo e se fundiram numa unidade mais ampla para formar, no final das contas, os nossos Evangelhos.

Desta forma, a expressão de fé da comunidade primitiva, embora autêntica para o tempo em que surgiu, não é conveniente para a compreensão do homem de hoje. Urge depurá-la para reencontrar aquele "DASS" que é capaz de fazer o homem de hoje se interpelar a si mesmo para se decidir no campo da fé. "Trata-se de repetir e de continuar a formação dos evangelhos com os meios da compreensão atual" (KLAAS) (12). Tal é o PROGRAMA DE DESMITIZAÇÃO proposto por Bultmann.

Não se trata de destruir o mito, pois é sobre o querigma concebido mitologicamente que se deve construir o caráter de verdade da fé cristã e não sobre o Jesus histórico, que é teologicamente indiferente, como se viu antes.

"A mitologia neotestamentária foi um modo, conforme a mentalidade contemporânea, de compreender que Jesus é o acontecimento

(12) Citado por A. VOGTLE, *op. cit.*, pág. 59.

(13) Cf. A. VOGTLE, *op. cit.* pág. 59.

escatológico da salvação. Cumpre fazer para nossa geração, a nosso modo (não mitológico), o que os discípulos e primeiros pregadores fizeram em sua época (de um modo mitológico)" (13). Só assim o fato de Jesus se tornará querigmaticamente frutuoso para o pensamento atual e sua mensagem digna de expressar autenticamente a cosmovisão existencial do homem de nosso tempo.

Vejamos como Bultmann concebe progressivamente tal desmitização:

1. A concepção do mundo no Novo Testamento é uma concepção mítica: é uma Cosmologia e uma Antropologia Míticas.
2. Conforme a concepção mítica do mundo, tem-se a representação do evento de salvação, que constitui o verdadeiro conteúdo da mensagem neotestamentária. Esta é uma linguagem mitológica facilmente redutível à mitologia contemporânea da literatura apocalíptica hebréia e ao mito soteriológico gnóstico.
3. A pregação neotestamentária, enquanto fala em termos mitológicos, não pode ser aceita pelo homem moderno porque a concepção mítica do mundo está superada por ele.
4. Ora, o mito oferece motivos à crítica de si mesmo e de suas representações objetivantes. O próprio Novo Testamento nos convida a interpretá-lo criticamente. (14).

Não se trata apenas de uma crítica que deriva da concepção do mundo própria das ciências naturais, mas de uma crítica que deriva da **autocompreensão do homem moderno**. Não é a eliminação, mas a interpretação do mito, fazendo-o passar de seu modo-de-ser-do-mundo-da-representação para o modo-de-ser-da-autocompreensão-existencial. Fazê-lo passar do modo-de-ser inautêntico (como "Historie" e do passado), para o modo-de-ser-autêntico (como "Geschichte" e do agora).

O mito, enquanto extensão de uma autocompreensão, tem suas raízes no campo da autêntica "historicidade". Não se deve, pois, eliminar sem mais a mitologia evangélica, mas sim interpretá-la. E para isto não se parte de Cristo como pessoa e fato histórico (mito de Cristo), mas da compreensão da existência contida no Novo Testamento. São as representações objetivantes da

(14) Cf. A. VOGTLE, *op. cit.*, págs. 64 — 68.

linguagem mitológica que devem ser abandonadas. O que interessa não é a história de Jesus (mito), mas o que Deus nos quer dizer por meio desta história.

Não podemos negar que a mola fundamental do “programa de desmitologização” empreendido por Bultmann seja a adesão irrestrita à maneira existencial de interpretar a realidade salvífica. E o sentido em que ele próprio se encaminhou para poder recuperar o mito teve aí sua origem. Segundo ela, o existir autêntico do homem (a autêntica “historicidade”) distingue-se radicalmente da realidade das coisas que se encontram no mundo apenas como objetos disponíveis (os “vorhandenen” da história inautêntica). Daí a contraposição entre duas formas de pensamento: o pensamento histórico-existencial e o pensamento histórico-objetivante. O primeiro põe o homem diante de seu eu atual em sua situação de vivência concreta (modo de ser da interpretação existencial do eu). O segundo o coloca diante de fatos puros e simples, sem qualquer conotação vital significativa (modo de ser da representação histórica).

O que é, então, o mito e como deve ser ele interpretado ?

Bultmann afirma que a concepção mitológica é aquela que “faz parecer mundano e humano o que é transcendente e divino, terreno o que pertence ao lá-em-cima” (15). O mito seria então a “representação mundana de coisas ultramundanas” (16).

Assim sendo, o mito pretende unir duas realidades impossíveis de se compor: o mundano e o não mundano. Daí a necessidade de uma “desmitologização”, se estamos realmente interessados em recuperar um elemento (o próprio mito) que, apesar de tudo, continua sendo a peça fundamental para a compreensão da realidade salvífica.

Urge, portanto, optar por uma daquelas formas possíveis de interpretação: a objetivista e a existencial.

É evidente que o conceito bultmanniano de história exige a desmitologização do mito de Cristo no Novo Testamento mediante a **interpretação existencial**. “O verdadeiro sentido do mito não exprime como o homem se entende a si mesmo no mundo. O mito não deve ser interpretado cosmologicamente, mas sim antropologicamente, ou melhor, de um modo existencial” (17).

O repúdio manifesto ao mítico por Bultmann não chega, assim a um radicalismo total. Trata-se, antes, de uma depuração que de uma negação

(15) Cf. Coleção **Kerygma und Mythos** (citada na nota 2), 2.

(16) A. VOGTLE, *op. cit.*, pág. 18.

(17) R. BULTMANN, em col. **Kerygma und Mythos** (ver nota 2), 22.

da verdade que o mito contém. "Enquanto alguns pensadores justificam sua "negação" de Deus pela repulsa do mítico, Bultmann e seus adeptos exigem tal rejeição para a autenticidade da "afirmação" de Deus. Em sua rejeição, contudo, nosso autor parte da idéia de que os mitos podem ser interpretados falsamente, ou seja, como verdadeiros em sentido **histórico e científico**. Repudia semelhante interpretação, e, por essa razão, não precisa absolutamente rejeitar "os" mitos; antes, cumpre que sejam bem interpretados, exprimindo-se sua legítima intenção, que não é, de modo algum, formular uma verdade histórica ou científica. A intenção que vive neles consiste em falar na essência do homem como existência: não de ser interpretados existencialmente" (18).

Então, necessário é tirarmos aquela cobertura objetivante da mitologia neotestamentária para encontrarmos o sentido pleno da mensagem de salvação trazida por Cristo: "O Novo Testamento quer-nos transmitir uma mensagem existencial, embora encoberta pelas imagens e a linguagem de outra época (...). O valor da mensagem cristã é o que ela nos diz sobre o homem, sobre as possibilidades que reconhece nele, ou que lhe abre" (19).

O que nos importa é a nossa **decisão** frente à palavra da pregação (querigma). Esta pode ser aceita ou rejeitada. Enquanto ela nos manda crer na morte e na ressurreição de Cristo como um fato escatológico, abre-nos a possibilidade de nos compreendermos a nós mesmos. Escutando a palavra (querigma), reconhecemo-nos pecadores perdoados e libertos por meio da graça. Percebemos também a correspondência da mensagem como a análise existencial, que nos abre o caminho para a compreensão de nosso ser e de nossa decadência, e entendemos a mensagem como resposta àquela esperança que levamos no mais íntimo de nosso ser. Se aceitamos nossa libertação, e nos decidimos pela existência autêntica, então cremos na morte e na ressurreição de Cristo como evento escatológico.

Fé e incredulidade não são, portanto, decisões cegas e arbitrárias, mas "sim" e "não" conscientes. A fé consciente na palavra da pregação é a verdadeira fé pascal. E é o ato de decisão de fé, realizado no momento "agora", que atualiza a salvação. Assim, a palavra pregada, o **Querigma**, tem **sentido escatológico**. "O acontecimento da vinda do Reino de Deus, não é propriamente um acontecimento do fim dos tempos que chegará um

(18) W. LUIJPEN, **Introdução à Fenomenologia Existencial**, Ed. Pedagógica e Universitária — Ed. USP, São Paulo, 1973, pág. 361.

(19) R. M. MURARO, **A Automação e o Futuro do Homem**, Ed. Vozes, São Paulo, 1974 pág. 103.

dia e diante do qual se pode tomar posição ou permanecer neutro. Mas antes mesmo que se tome posição, já se está marcado e trata-se, então, unicamente para o homem de compreender que sua verdadeira essência é a de se encontrar na decisão. (...) Se o homem se encontra na decisão e se é precisamente isto que o caracteriza essencialmente como homem, é, então, sempre para ele a última hora; e é compreensível que, em Jesus, toda a mitologia contemporânea tenha sido colocada ao serviço desta concepção da existência humana e que à sua luz Jesus tenha compreendido e anunciado sua hora como a última" (20).

Se, em resumo, a ação divina se subtrai completamente à visão objetivante, se o querigma não pode testemunhar os grandes fatos acontecidos e não pode anunciar os que virão porque (segundo o conceito bultmanniano de tempo) somente o "agora" é o campo da realidade verdadeiramente histórica, tampouco a fé pode ser tocada pela crítica histórica a mais radical. E é precisamente a negação (desmitologizante) das asserções relativas às ações de Jesus no quadro de sua figura histórica que permite conservar a transcendência e a invisibilidade da ação divina, evitar o escândalo da intervenção de Deus no conjunto das causas, assegurar a indemonstrabilidade da revelação e reduzir a História da Salvação à situação querigmática. Se o próprio Jesus não se concebeu como Messias, então sua messianidade não é um fato demonstrável historicamente. Portanto, Jesus, o anunciador, pode ser compreendido somente na decisão e no assentimento da fé.

A palavra de Deus (querigma) chama, assim, o homem a Ele, arrancando-o de sua angústia e de toda segurança criada por ele mesmo, e o chama por isso, à sua existência autêntica. E é este o sentido mais puro da pregação cristã. E é esta a sua contribuição mais valiosa para a compreensão do homem de hoje: quando o interpela em sua situação de decisão.

III. CONSIDERAÇÕES ÀS BASES DA ARGUMENTAÇÃO DE BULTMANN

As belas páginas dedicadas por Bultmann em demonstrar a dimensão existencial da mensagem neotestamentária levam o leitor a deixar-se envolver totalmente pela riqueza das suas reflexões. Devemos, entretanto, libertar-nos deste envolvimento para que possamos, com olhos antes críticos que admiradores, testar a segurança das principais estacas de seu edifício teórico.

(20) R. BULTMANN, *Jésus, Mythologie et Démythologisation*, pág. 65.

A maior dificuldade é a de como declarar a auto-suficiência do querigma apostólico (e mesmo do querigma de hoje) perante o Jesus da história. Quando o próprio Bultmann reconhece que o "dass" histórico é essencial ao querigma, perguntamos com Malevez: "O querigma traz em si toda inteligibilidade possível ? "

É com o mesmo Malevez (21) que iremos aduzir uma série de argumentos que levam o leitor de Bultmann a ficar menos ligado em seu envolvente raciocínio.

1. Somente diante do Jesus histórico a palavra interpeladora (dass) do querigma pode oferecer condições de crença

Se, conforme Bultmann, é em Jesus que o acontecimento de salvação nos é notificado, por que tal afirmação nos impõe o reconhecimento do Mistério de Jesus de Nazaré ? Por que é apenas em Jesus Cristo e não em Sócrates ou em Isaías ou em João Batista ou em qualquer outro, que a palavra absoluta de Deus foi pronunciada sobre nossas existências ?

Bultmann responde: Jesus manda crer, simplesmente. Não exige que se interrogue sobre o porquê de sua escolha, o que não é necessário para a fé. (22).

Podemos retrucar: para se avançar na fé não é preciso, de fato, inquirir sobre as razões de crença. Não se exige que o cristão remonte ao Jesus da história pelos árduos caminhos da indagação histórico-crítica. Entretanto, não se trata aqui das "razões de crença", e sim do **sentido** da própria crença. A indagação sobre o sentido da crença nos é exigido por ela própria. E devemos usar de todos os meios para podermos responder a ela. Suponhamos então que existam documentos oferecendo a possibilidade de reconstituir historicamente, em certa medida, a vida e o ensinamento de Jesus. Neste caso, faltaríamos com nossa vocação de cristãos reflexivos, com a exigência do "intellectus fidei", se omitíssemos a comparação da mensagem do Jesus histórico com o querigma, para esclarecer este por aquela. Interpelados de uma parte, por um querigma, que afirma a singularidade e a originalidade de Jesus, e dispendo de outra parte, de certos meios para elucidar o seu mistério, não poderíamos subtrair-nos à investigação destes meios.

(21) Cf. art. cit. na nota 3. págs. 797 — 808.

(22) Cf. **Glauben und Verstehen** (Fé e Compreensão), pág. 189.

2. O querigma não se limita a interpelar, mas também oferece respostas

O querigma, ao interpelar, já tem em vista propor o Cristo. É este que dá sentido à interpelação e é também sua **resposta**. Por isso, o brado de vitória emitido pela comunidade primitiva vai além de uma simples emoção existencial. Este sentimento de vitória se identifica com o próprio Cristo: é ele o ressuscitado e o glorificado. Aquele Jesus que nasceu em Belém, viveu peregrinando por diversos lugares da Palestina e foi martirizado em Jerusalém (personalidade histórica) é o Cristo que ressuscitou dos mortos (mensagem querigmática): "Deus constituiu Senhor e Cristo a este Jesus, a quem vós crucificastes" (Rom 1, 4).

É interessante atermo-nos a um detalhe lingüístico. Em certa passagem, S. Paulo liga a glorificação de Cristo à personalidade humana histórica de Jesus: "e sendo reconhecido por condição como homem, humilhou-se a si mesmo, feito obediente até à morte, e morte de cruz. Por isso **também** Deus o exaltou, e lhe deu um nome que está acima de todo o nome" (Fil. 2,7-9). O "também" por nós grifado é, em grego, "dio": quer dizer que não simplesmente após a sua obediência, mas **em razão dela** que Jesus foi exaltado. Obediência que Jesus realizou em sua humanidade ainda terrestre.

Portanto, o querigma apostólico não se limita a interpelar. Ao interpelar o homem em sua situação existencial, ele já procura inculcar aquele que dá saída à indagação. Esta possui sentido somente em vista da busca de uma superação que leve a encontrar as condições de vida autêntica. E não é senão o brado de vitória. E está aí a **resposta**: Cristo ressuscitou ! Nada há a temer. Na sua situação de decisão, o homem, para chegar à vitória, deve optar pelo Cristo.

Ademais, Cristo, ao propor sua profunda indagação. (sua vida e sua morte são uma interrogação arrasadora), tinha já em vista o seu termo que é também a plenitude de sua missão total: a ressurreição, a vitória. Por isso, ao proclamar a ressurreição como profunda resposta ao problema que Cristo havia suscitado em todos (*dass* interpelador), o querigma proclamava também todas as ações de Jesus realizadas historicamente. A ressurreição só tem sentido em relação a tudo o que a precedeu e é ela que confirma e plenifica tudo. E, ela própria, é realizada historicamente como tudo o que a precedeu. Portanto, não se reduz a pura interpretação querigmática.

Então, ao proclamar a ressurreição, o querigma não proclamava simplesmente o acontecimento de vitória, mas também o próprio Cristo glorioso sobre a morte, enunciando a significação teológica da personalidade histórica de Jesus.

3. O querigma deve necessariamente assumir a personalidade histórica de Jesus

Sem dúvida, o querigma apostólico pode apresentar uma larga suficiência para a possibilidade da fé. Mas só a tem assumindo a personalidade histórica de Jesus. Por isso, afirmamos que não somente o "DASS" de Jesus deve assumir o seu "WAS" e seu "WIE", mas também que o "DASS" só existe se houver "WAS" e "WIE".

Apresentamos duas grandes razões:

a) A título de facticidade

Ao empregar o termo "dass" (palavra interpeladora), Bultmann o faz em dois momentos. Primeiramente, para qualificar o acontecimento escatológico que é oferecido à decisão de fé. Em Jesus, Deus emitiu sua Palavra, diante da qual nos é necessário decidir. Contudo, esta Palavra é incompreensível para o olhar humano objetivo. Ela é divina e pura. Somente a fé pode reconhecê-la como acontecimento escatológico.

No entanto, num segundo momento, Bultmann afirma que o "dass" divino toma corpo no "dass" histórico de Jesus. Ora, isto quer dizer que o "dass", como acontecimento escatológico, se realiza na personalidade histórica de Jesus. E como não é esta puro fato abstrato, nela estão incluídos o "was" (personalidade moral) e o "wie" (doutrina) de Jesus.

b) Pela relação do querigma com a pessoa de Jesus

Bultmann estabelece uma diferença radical entre a mensagem de Jesus e a do querigma. Jesus anunciou um "reino" que se devia esperar ainda. O querigma proclama que este reino já veio. Aquele se sabe anunciador, este o mostra como o anunciado (atribuindo-lhe uma série de denominações mitológicas).

A grande pergunta irrompe a nossos olhos: como se efetuou a passagem? Como Jesus, de simples anunciador, se tornou o anunciado? Em que fonte se inspirou o querigma para criar-lhe a imagem?

Para esta questão só existe uma resposta: a comunidade primitiva, surpreendida diante da morte de Jesus e dos misteriosos acontecimentos de sua própria fé pascal, interpreta o acontecimento de Jesus como sendo o lugar em que o "reino" anunciado por ele já estava realizado.

Trata-se aqui simplesmente de uma passagem do implícito ao explícito (23). Jesus deu-se a conhecer como o anunciador único e último, proclamador da palavra decisiva e última. Com isto, ele estabeleceu implicitamente uma verdadeira **Cristologia**. Cabia àqueles que o ouviram (a comunidade), torná-la explícita. E foi o que fizeram: após a morte de Jesus, a comunidade primitiva reconheceu Nele, ao lembrar-se da proclamação de sua palavra, o acontecimento salvífico definitivo da palavra de Deus.

Se tal é a relação do querigma apostólico com o querigma de Jesus, não se justifica, em Bultmann, a recusa de reconhecer naquele o esclarecimento deste.

Podemos lembrar aqui o exemplo tirado da interpretação de textos: a explicação de um texto não torna supérfluo o próprio texto. Ela só adquire o valor quando o tem diante dos olhos, ou quando ao menos, o supõe conhecido. Assim, para se compreender alguma explicação, não se pode deixar de considerar o termo que ela explica, como também não há interpretação sem assunção do termo interpretado.

A manifestação querigmática de fé dos primeiros cristãos é uma verdadeira leitura, cujo termo não é outra coisa que a pessoa de Jesus. É à luz do apelo de decisão lançado historicamente por Jesus Cristo que a comunidade apostólica constituiu o seu querigma. E o que isto quer dizer senão que a mensagem de Jesus, com sua personalidade histórica, faz parte intrínseca do querigma apostólico interpretativo e condiciona a sua inteligibilidade ?

4. Reduzir o Cristo do Querigma a pura Interpretação Mitologizante é tornar vago o Jesus da História e desprover a Decisão de Fé em qualquer sentido

Bultmann afirma que, ao designar o **Anunciado** pelos termos de Messias, de Filho de Deus, de Senhor, e outros, o querigma apostólico mitologizava a figura de Cristo. Tais categorias mitológicas seriam carentes de qualquer incidência existencial ou importância para a compreensão da nova existência possibilitada pela adesão, na fé, à mensagem cristã.

Podemos, entretanto, perguntar se a crença no Jesus-Senhor, no Jesus-Messias ou no Jesus-Filho-de-Deus não seria um modo de manifestar anseios de nossa existência a mais recôndita e de nos esclarecer sobre nós

(23) R. BULTMANN, *Glauben und Verstehen*, I, pág. 266.

mesmos a respeito de nosso ser profundo. Se afastarmos a figura de Jesus, nossa vida cristã não ficará extremamente empobrecida ?

Se o Cristo responde assim a nossas expectativas, é sinal de que ele entra na constituição do querigma, apostólico e pós-apostólico, de tal forma que este não pode dispensá-lo sem correr o risco de se destruir. Querer "demitologizar" o querigma é querer interpretá-lo segundo certo critério. Mas, que outro critério existe para interpretar autenticamente o querigma senão a própria personalidade de Jesus ? O modo, segundo o qual o Cristo da fé ter-se-ia formado na consciência da comunidade primitiva, exige uma volta para o Jesus de quem ela quer ser uma explicitação. O Jesus da "Boa-Nova" tem imprescindível papel na compreensão da confissão cristã: não é malgrado o Jesus da história e, sim, graças a ele que a mensagem cristã se esclarece na medida suficiente para se deixar exprimir pela fé.

Nesta altura, podemos ver posto em jogo o valor da indagação histórica: não é a figura histórica de Jesus demasiado problemática, para ser colocada como critério seguro no pronunciamento a respeito da verdade da revelação ? Para interpretar a verdade trazida pelo querigma, é seguro confiar no Jesus restituído pela História ?

Reconhecemos, de fato, a fraqueza do critério histórico. A investigação histórico-crítica sobre o Jesus da História não pode pronunciar por si mesma e com toda segurança sobre a realidade salvífica proclamada pelo querigma. Ela não pode dispensar-nos da livre decisão de crer. Aqui estamos com Bultmann, ao nos desfazer do Jesus da História como critério único e absoluto para a interpretação do Novo Testamento. Mas procedemos de modo bem diverso.

É verdade que o pensamento cristão sempre viu na fé da comunidade viva, o lugar de suas certezas e a intérprete de sua crença. A tradição viva é o termo por excelência a que se refere a fé cristã. E é ainda verdade que esta mesma tradição se transmite, sob a forma de interpretação, explícita ou implícita, da Escritura, notadamente dos Evangelhos. No entanto, interpretar um texto, vimos, é necessariamente deixar-se reger por ele. O querigma cristão, independente de qualquer relação com o Jesus histórico, nada pode pronunciar sobre Cristo. Mas à luz do Jesus dos Evangelhos, ele pode apresentar este Cristo que agora é proposto à nossa fé. Assim, o cristão, plenamente maduro em sua fé, acredita que o querigma foi uma autêntico intérprete da mensagem de Jesus, e que tal interpretação, escorando-se sobre o próprio Jesus histórico, transmitiu este não mitologicamente e, sim, tal como foi e tal como deveria ser mostrado às gerações cristãs futuras para justificar sua decisão de fé.

Sendo o querigma apostólico, o intérprete do querigma total de Jesus (ou, o que vai dar na mesma, do Cristo-Total), a fé cristã pode fiar-se neste Cristo que ora o querigma lhe apresenta como justificativa para a sua decisão de fé. Deste modo, dizer, com Bultmann, que tal Cristo é mitologizado, é torná-lo por demais vago e distante, ficando a decisão de fé desprovida de qualquer sentido. Decido-me pelo quê na minha "decisão de fé" ? Por mim mesmo ? Mas isto é a própria contradição na decisão de fé, se esta é o "deixar de acreditar em mim mesmo". Por Cristo ? Há, então, outro Cristo que não o do querigma ?

Concluindo, é preciso, como é desejo do próprio Bultmann, dar à fé, o seu devido valor. De tal maneira que vemos, com "olhos de fé", no querigma de Cristo uma confiança na sua transmissão e interpretação através do querigma apostólico e pós-apostólico. Assim, ao depararmos com este, com aquilo que tem de original e próprio, deparamos também, nele mesmo e intrínseco a ele, com o querigma do Jesus da História. Isto, para sermos bíblicamente justificados, cumprindo a Escritura: "Estarei convosco até a consumação dos séculos" (Mt 28,20).

CONCLUSÃO

É sempre temerário ter em mãos as chaves que deslindariam o mistério da história. Esta se constitui, enquanto tal, justamente por não ser disponível a conclusões racionais, e se manifesta inesgotável, em misteriosa trama, por seu terrível caráter de ambigüidade. Eis por que toda a análise que pretenda surpeendê-la em sua totalidade sente-se, ao invés, por ela surpreendida. Há sempre algo mais a mostrar ou a esconder. Toda categoria apresenta, assim, uma falta de descortino.

Por outro lado, não há dúvida de que a existência seja capaz de surpeender largamente a história e de, com ela, se identificar: existir é já fazer história.

Poderíamos ir além, afirmando que as "categorias existenciais" seriam as melhores para interpretar a história ?

O problema aqui, talvez, seja o de passagem de um "logos implícito" para um "logos explícito". O "logos implícito" encerra em si toda a razão de ser de uma coisa. O "logos implícito" da história, por exemplo, é a razão de ser desta. O "logos explícito" é a razão de ser de uma coisa enquanto

considerada por uma consciência; enquanto é relativa à análise que é capaz de captá-la de alguma forma e de reduzi-la a noções explícitas. O "logos explícito" não esgota todo o ser da história. Ele simplesmente o toma ao modo de ser da consciência clara.

É bom termos bem presente isto para nos precavermos contra a aplicação sistemática de certas distinções emprestadas à cosmovisão existencialista, como a que foi feita por Rudolf BULTMANN.

Se a realidade histórica dá resultado tão arredo às chaves explicitativas, tanto mais a realidade histórica da salvação, que ostenta ainda maiores empecilhos, pois se trata justamente daquilo que é menos suscetível ainda de um "logos explícito": o destino salvífico. É por isso justificada a revisão que fizemos às bases da interpretação de Bultmann. Será que aí o mistério da história não fica reduzido, ao nível de um "logos explícito", à mera vivência histórica pessoal da autocompreensão, que não o engloba como realidade total ?

O que acontece no amplo movimento da história, é que ela vem como que se avolumando, recebendo em seu caminho novos mananciais. O que é plenamente cabível dentro de um "logos explícito". Mas, neste seu caminho, a história não deixa nada para trás. E é justamente isto que constitui o seu mistério. Fruto de seu "logos implícito".

O "devir" é o "logos implícito" da história. Ele não é simplesmente "o que virá", mas também "o que já veio" em seu "há-de-vir". A história como algo passado, puramente passado, só existe como categoria abstrata. A história como "devir" é o seu passado acontecendo no "agora", enquanto remonta aos pontos em que este passado surgiu. O "devir" é que faz com que o ponto "agora" não seja a mera soma de pontos passados e, que estes, não sejam meramente passados. E isto é irreduzível a um "logos explícito".

O problema aqui é mesmo o da "repetição" (Wiederholung) (24). Como o fato que já aconteceu pode ser "repetido" ? Não se trata de refazer o fato, nem de copiá-lo a título de exemplo. "Repetir", aqui, é "retomar", "reassumir". É colher, agora, este fato "onde", "quando" e "como" aconteceu. É vivê-lo numa história que ele também ajudou a construir.

Como se explica isto ?

É quando dizemos que a história não se reduz a qualquer sistema categorial, mesmo o "mais existencial" dentre eles. Um "logos explícito" não abarca todo o mistério da história.

(24) R. BULTMANN, *Das Verhaltnis...* (citado na nota 7), págs. 23, 25.

Entretanto, é bastante claro ser impossível que história surja “sem mais nem menos”, “à toa”, como que “caída do céu”. Este “remontar” e esta “retomada” são imprescindíveis. E podemos perguntar se a autocompreensão existencial do homem de hoje seja fruto exclusivamente de sua época. Se ela exclui o “já acontecido”, uma vez que, se este não tivesse uma posição histórica, não haveria qualquer compreensão possível.

E em relação ao problema da salvação, referindo-nos agora ao problema específico de Bultmann, a “decisão de fé” é sempre uma atitude frente ao conjunto da história. Não se compreende uma decisão que seja corolário de pura abstração. Este caráter de “retomada” e de “reenvio” lhe é essencial. E, aí, encontramos o mesmo enigma de como conciliar o “passado” e o “presente”: aquele influenciado este sem causá-lo, e este reassumindo aquele, sem com ele se identificar. Assim, mais uma vez, a realidade histórica da salvação se mostra irreduzível a um “logos explícito”. Ela não se reduz a categorias sistemáticas, embora seja simples aceitá-la pela fé. E é por isso que o ato de fé, mais do que o quer Bultmann, é profundamente existencial: enquanto é já assumir toda a realidade histórica da salvação. E é assim que o mistério da história é o melhor campo para a decisão: porque é o melhor campo para a fé.

Quanto à decisão frente ao **querigma salvífico de Jesus**, porém, as responsabilidades para a fé são muito maiores. A sua “repetição” assume aqui dimensão mais profunda que a mera “repetição” histórica comum. É que ela implica maior presença e maior reafirmação de sua posição histórica. A intensidade desta presença é algo que não se pode medir nem explicar por um “logos explícito”. A afirmação de que o “querigma apostólico” (e de todo “querigma” pós-apostólico) seja a “explicitação” do querigma de Jesus não basta para explicar a sua presença total nele. Quer dizer que o tipo de “repetição” do querigma de Jesus no querigma das comunidades cristãs é de um maior compromisso ainda para a fé. E este compromisso se aprofunda, mais ainda, se considerarmos que quanto mais o querigma apostólico (e pós-apostólico) “reenvia” ao querigma histórico de Jesus e, tanto mais, este marca sua presença nele e tanto mais aquele o representa mais eficazmente.

Por aí vemos que um passado não é tão passado como parece. Um passado como puro passado, de fato não existe e nunca existiu. É pura abstração. E não há razão para se contrapor uma abstração à realidade existencial.

Se podemos recuperar (“repetir”) o Jesus histórico (e seu querigma) por esta forma de compreensão da história (o enigma de um passado

influindo, de certa forma, no "agora"), não é este, entretanto, o modo que mais plenamente incita à "decisão de fé". O modo pelo qual Cristo determina sua presença salvífica no desenrolar da história, lhe é peculiar e ultrapassa, em eficácia, o acúmulo de causas históricas comuns. É quando dizemos que sua presença implica, mais que um mistério de existência, um autêntico mistério de fé.

BIBLIOGRAFIA

- BARTSCH, H. W. (org.) — **Kerygma und Mythos** (coleção), Evangelischer Verlag, Hamburgo-Volksdorf, 1 961.
- BULTMANN, R. — **Glauben und Verstehen**, Tubinga, 1 933.
- BULTMANN, R. — **Jésus, Mythologie et Demythologisation**, aux Éditions du Seuil, Paris, 1 968.
- BULTMANN, R. — **Neuen Testament und Mythologie**, em col. **Kerygma und Mythos**, citada acima.
- BULTMANN, R. — **Theologie des Neuen Testaments**, Tubinga, 1 948.
- BULTMANN, R. — **Das Verhältnis des urchristlicher Christusbotschaft zum historischen Jesus**, em **Sitzungsberichte der Heidelberger Akademie der Wissenschaften**, Heidelberg, 1 961.
- HEIDEGGER, M. — **L'Être et le Temps**, Gallimard, Paris 1 964.
- LUIJPEN, W. — **Introdução à Fenomenologia Existencial**, Ed. Pedagógica e Universitária — Ed. USP, São Paulo, 1 973.
- MALEVEZ, L. — **Jésus de l.Histoire et Interprétation du Kérygme**, em: **Nouvelle Revue Théologique**, Louvain (Belgique), oct. 1 969, tome 91, págs. 785 — 808.
- MERLÉ, R. — **Bultmann et la Foi Chrétienne**, Ed. du Cerf, Paris, 1 964.
- MURARO, R. M. — **A Automação e o Futuro do Homem**, Ed. Vozes, São Paulo, 1 974.
- VOGTLE, A. — **Revelación y Mito**, Ed. Herder, Barcelona, 1 965.